

## Artefactos

### Como citar:

Camargo, J. (2023). Luta migrante e comunicação na fronteira Brasil-Venezuela: entre cercos e brechas. *Mediações* 30(19). Pp. 23-45.

<https://doi.org/10.26620/uniminuto.mediaciones.19.30.2023.23-45>.

**Editorial:** Corporación Universitaria Minuto de Dios - UNIMINUTO

**Recibido:** 7 de agosto de 2022

**Aceptado:** 26 de noviembre de 2022

**Publicado:** 16 de mayo de 2023

# Lucha migrante y comunicación en la frontera Brasil-Venezuela: entre asedios y brechas

## Migrant struggle and communication on the Brazil-Venezuela border: between sieges and breaches.

## Luta migrante e comunicação na fronteira Brasil-Venezuela: entre cercos e brechas.

### Julia Camargo<sup>1</sup>

[julia.camargo@gmail.com](mailto:julia.camargo@gmail.com)  
[julia.camargo@ufrr.br](mailto:julia.camargo@ufrr.br)

Profesora Investigadora  
Universidade Federal de Roraima  
Brasil

**Conflicto de interés:** La autora declara no tener ningún conflicto de interés.

Quando a família de Luna (17 anos) deixou a Venezuela, em 2021, impulsionada pela escassez de alimentos e pelo desemprego, as fronteiras com o Brasil estavam fechadas devido às restrições impostas pelo Governo Brasileiro<sup>2</sup>, durante a pandemia do COVID-19. A família, composta por mãe, pai e um irmão pequeno empreitou a caminhada do Estado de Monagas (VE) para Boa Vista, capital do estado de Roraima (BR), através das trochas, uma rota não oficial entre os dois países, cortada pela Floresta Amazônica. Uma passagem pela qual milhares de venezuelanos asseguram que não existe muro, documento, fronteira, política ou tecnologia digital que impeçam as pessoas de se deslocarem em busca de uma vida possível.

Na travessia, a família, sem recursos para se alimentar, trocou o único celular que possuía por quatro pratos de comida. Em Boa Vista, eles foram alocados em

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima (UFRR), doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, bolsista Capes Prosup, integrante do grupo de pesquisa Deslocar - interculturalidade, cidadania, comunicação e consumo. E-mail: [julia.camargo@ufrr.br](mailto:julia.camargo@ufrr.br).

<sup>2</sup> A primeira restrição à mobilidade venezuelana, impostas pelo Governo Brasileiro, foi o fechamento das fronteiras brasileiras por medidas sanitárias. Entre março de 2020 e junho de 2021, a modalidade de visto humanitário foi excluída e ressalvas adicionais para venezuelanos foram impostas, não permitindo, por exemplo, que aqueles que estivessem fora do Brasil, mesmo com visto de residência ou familiares em território brasileiro, pudessem entrar em território brasileiro (JUBILUT; JAROCHINSKI, p.422, 2020).





um dos abrigos<sup>3</sup> da Operação Acolhida<sup>4</sup> e sem renda para se comunicar dependiam ou do serviço gratuito de telefonia da Cruz Vermelha, que uma vez por semana era ofertado nos abrigos, ou da solidariedade de venezuelanos que emprestavam seus telefones, por vezes em troca de um valor para os créditos. Luna, por ter menos de 18 anos, à época, não podia utilizar o serviço de comunicação da Cruz Vermelha e sentia falta de conversar com seus amigos, de acessar redes sociais e de “saber do mundo lá fora” como dizia ela.

Um dia, passeando pelos arredores do abrigo, passou em frente a um salão de beleza quando uma senhora com um smartphone nas mãos a chamou e perguntou por qual valor a adolescente venderia seu longo cabelo. Luna lançou o olhar para o telefone da cabelereira que, prontamente, o ofereceu pelas madeixas. Negócio fechado. Assim, Luna garantiu para si, para a sua família e para os vizinhos de barraca do abrigo, que também não tinham telefone, o direito de se comunicar. Entre os inúmeros desafios enfrentados pela população venezuelana ao chegar ao Brasil o acesso regular à comunicação assume uma dimensão prioritária, em um contexto onde um a cada dois venezuelanos não se sente suficientemente informado e 69% não têm acesso a Wi-Fi (R4V, 2020)<sup>5</sup>.

A história de Luna responde ao que Varela-Huerta (2021, p. 53)<sup>6</sup> denomina luta migrante, ou seja, atos cotidianos, muitas vezes extremos, de sustentação da vida: “formas de ação latente ou manifesta, coletiva ou individual, subjetiva ou comunitária, que os sujeitos migrantes ou refugiados praticam em momentos específicos para se defender da estrangeirização permanente a que estão submetidos”. Coerções, desafios e cercos, historicamente, estiveram presentes nas experiências migratórias no que diz respeito ao direito de se comunicar.

As fotos apresentadas neste ensaio capturam a medida das coisas urgentes, que abarcam o desejo de se comunicar, de estar conectado, de saber/dar notícias, de enviar/receber recursos, de ter acesso ao lazer, de cumprir burocracias e assim assegurar con

---

<sup>3</sup> O estado de Roraima conta com 13 abrigos para atender venezuelanos em situação de vulnerabilidade. Dois abrigos estão situados na cidade de Pacaraima, na fronteira com a Venezuela e 11 na capital, Boa Vista, nos quais residem aproximadamente 7.900 venezuelanos (ACNUR, 2021).

<sup>4</sup> Coordenada pela Casa Civil, conta com a participação de diversos ministérios, de atores de governos locais, de agências internacionais da ONU (Organização das Nações Unidas), de OINGs (Organizações Internacionais Não Governamentais) e da sociedade civil. A organização local da resposta humanitária é feita pela Força-Tarefa Logística Humanitária do Exército Brasileiro, responsável pelos processos de ordenamento da fronteira; de acolhimento (relacionados à gestão dos abrigos) e de interiorização.

<sup>5</sup> Plataforma Regional de Coordenação Interagencial R4V (2020). Information and Communication Needs Assessment. Plataforma Regional de Coordenação Interagencial R4V. Recuperado de <https://r4v.info/en/documents/details/73683>.

<sup>6</sup> Varela-Huerta, A (2021). Luchas migrantes. Em: Migración. Ceja, I. ; Álvarez, S & Berg, U. Coord. Clacso-UAM Cuajimalpa. Buenos Aires. Pág. 49-58.



dições básicas de afetos, direitos e dignidade de vida.

As cenas foram observadas no estado brasileiro de Roraima, nas cidades Boa Vista e Pacaraima, nos últimos quatro anos, no âmbito de pesquisas e projetos comunitários sobre comunicação e acesso à conectividade por refugiados, os quais tive oportunidade de participar por meio da.

Universidade Federal de Roraima (UFRR/Brasil). Para além de cenários de exclusões e desigualdades, características impressas historicamente ao Sul Global, as imagens também revelam espaços sutis de criação e reinvenção de subjetividades, de solidariedade, de produção de brechas em meio a limitações que perpassam as experiências de pessoas que estão se deslocando.

Em uma síntese entre miséria e magia, a comunicação e a conectividade aparecem nas fotografias como lugares estratégicos para observar as disputas de poder, as desigualdades digitais e as táticas que se desenrolam nas dinâmicas migratórias na fronteira entre Brasil e Venezuela. Em tempos nos quais a digitalização da vida vem se tronando cada vez mais premente, pensar a comunicação de forma cidadã e libertadora, promotora de uma coletividade protagonista, conforme propunham Freire<sup>7</sup> (1983) e Kaplun<sup>8</sup> (1985) ainda é uma aposta que segue sobre a mesa e pela qual é essencial lutar.

---

<sup>7</sup> Freire, P. (1983). *Extensão ou comunicação?*. Editora Paz e Terra.

<sup>8</sup> Kaplún, M., & García, M. (1985). *El comunicador popular*. Quito: Ciespal.



Luna e seu smartphone em frente ao abrigo Rondon 5, em Boa Vista (BR).



Fachada de lan house, em Boa Vista (BR), que oferece acesso à conectividade, chamadas internacionais, emissão de documentos migratórios, venda de alimentos e uso do banheiro e ducha rápida. De acordo com os proprietários do local mais de 90% dos clientes são venezuelanos.



Cartaz com informações sobre o preço do uso da internet em uma lan house, em Boa Vista (BR). Duas horas de uso equivalem ao valor de quase \$1 dólar americano.



Interior de uma lan house localizada perto da Rodoviária de Boa Vista (BR). Esse tipo de serviço que estava quase extinto é procurado, principalmente, por venezuelanos que não possuem acesso à conectividade digital.



Ponto de energia coletivo no abrigo para refugiados venezuelanos Rondon 1. As barracas não têm acesso à energia elétrica.





Horário permitido para assistir televisão em abrigo para refugiados venezuelanos, na cidade de Boa Vista (BR).



Venezuelanos com formação técnica em informática oferecem seus serviços de conserto de aparelhos eletrônicos, principalmente celulares, no abrigo Rondon 2, onde moram.



Crianças, moradoras do abrigo 13 de Setembro brincam com os telefones dos pais enquanto aguardam a bateria carregar em um dos pontos de energia coletivo do local.



Frequentadores do Posto de Triagem aguardam seus telefones e aparelhos eletrônicos serem carregados em um dos pontos de energia coletivo, em Boa Vista (BR).



Pessoas esperam horas na fila para o uso do serviço de chamada telefônica gratuita oferecido pela Organização Cruz Vermelha, na rodoviária de Boa Vista (BR). São disponibilizados apenas três minutos por ligação.



Ponto de venda de chamada telefônica, transferência bancária, dados para celulares, café e roupas usadas. Essa tática de comércio na calçada, liderada por venezuelanos, se tornou comum em Boa Vista (BR).



Programa de rádio “Caracas em Portunhol”, comandado pelo radialista venezuelano Oswaldo Bernal. O programa, transmitido por uma estação de rádio local, oferece notícias e músicas sobre a Venezuela e o Brasil, com foco nas questões migratórias.



Família compartilha um celular para assistir a um filme de terror, enquanto espera na fila da regularização migratória, no Posto de Triagem da cidade fronteiriça de Pacaraima (BR).





Celulares com adesivo de identificação são carregados gratuitamente em um serviço oferecido pela Organização Cruz Vermelha a venezuelanos que chegam ao Brasil ou que se encontram em situação de rua e não possuem ponto de energia para recarregar os aparelhos. Cidade de Pacaraima (BR), fronteira com a Venezuela.



Serviço gratuito de uso de tablets oferecido por uma organização internacional na cidade de Pacaraima (BR).



Ponto de comércio que oferece serviços de conserto de aparelhos eletrônicos, download de filmes, aplicativos, músicas e venda de produtos alimentícios venezuelanos, localizado na cidade de Boa Vista (BR).



Senhor venezuelano usa seu celular para saber notícias de Caracas (capital da Venezuela), em uma das ruas de Pacaraima (BR).



Ponto de venda de fichas para utilização de WI-FI, na cidade de Pacaraima (BR). Os clientes pagam o valor de quase \$1 dólar americano para ter acesso à conectividade em seus próprios aparelhos, por duas horas, no local.



Lanchonete na cidade de Pacaraima (BR) oferece os serviços de venda de ticket de internet, recarga telefônica e aceita pagamentos online de operadoras bancárias venezuelanas.



Ponto de internet gratuito e coletivo elaborado por brasileiros e venezuelanos em um bairro periférico da cidade de Boa Vista (BR), com o apoio do proprietário de um pequeno mercado local (crédito da imagem: Éder Santos).